

COMPREENDER COMO A INTEGRAÇÃO CUIDADOS PALIATIVOS E PSICOLOGIA CONTRIBUI NA QUALIDADE DE VIDA DOS PACIENTES

COLOMBO, M.A.A¹, NOVELINE, G.C.N², LAVARIA, T.A³, PAULO, Y.F⁴,
SILVA, J.R⁵, PEREIRA, Z.P.H⁶

PALAVRAS-CHAVES: CUIDADOS PALIATIVOS. PSICOLOGIA HOSPITALAR. PSICOLOGIA

1. INTRODUÇÃO

A morte, como parte integrante da condição humana, é uma das poucas certezas que acompanhamos ao longo da vida. Trata-se de um evento natural e inevitável, tão essencial à existência quanto o próprio nascimento. Nas sociedades antigas, a transição da vida para a morte ocorria de forma mais serena e integrada à vida cotidiana, onde a cultura e a religião ofereciam um arcabouço de significados para essa experiência. Contudo, na sociedade contemporânea, com o avanço da ciência e da tecnologia, o conceito de “cuidado” passou a se confundir com o de “cura”, dando origem ao que se denomina “morte moderna”.

Nos últimos anos, os cuidados paliativos têm ganhado destaque como uma abordagem centrada na qualidade de vida dos pacientes com doenças terminais, aliviando o sofrimento e oferecendo suporte emocional, social e espiritual tanto aos pacientes quanto às suas famílias. Nesse cenário, a atuação do psicólogo emerge como um componente crucial da equipe multidisciplinar, assegurando um cuidado verdadeiramente humanizado e integral. O psicólogo, por meio de um trabalho individualizado, oferece suporte emocional, promove o diálogo e a comunicação, e ajuda na busca por significado, ou até mesmo na ressignificação, da finitude da vida (REZENDE, et.al, 2014).

¹ Maysa Aparecida Antonechen Colombo. Acadêmica do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana. FAP. Apucarana- PR. 2024.

² Gabriela Cristina Nunes Noveline. Acadêmica do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana. FAP. Apucarana- PR. 2024.

³ Thais de Almeida Lavaria. Acadêmica do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana. FAP. Apucarana- PR. 2024.

⁴ Yasmim Fernanda de Paulo. Acadêmica do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana. FAP. Apucarana- PR. 2024.

⁵ Juliana Rosa da Silva. Acadêmica do curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana. FAP. Apucarana- PR. 2024.

⁶ Hellen Priscila Zamperlini Pereira. Orientadora da pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana - FAP. Apucarana - Pr. 2024.

2. OBJETIVO GERAL

Compreender como a integração cuidados paliativos e psicologia contribui na qualidade de vida dos pacientes.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 3.1. Compreender como surgiram os Cuidados Paliativos (CP).
- 3.2. Analisar de que forma a psicologia atua nos cuidados paliativos.
- 3.3. Entender de que forma os cuidados paliativos podem impactar positivamente a vida do paciente.

4. METODOLOGIA

A construção deste trabalho será realizada a partir da pesquisa bibliográfica, que consiste em descobrir novas ideias daquelas já existentes a partir de livros e artigos científicos, e assim adquirir maior conhecimento sobre o fenômeno pesquisado, abrindo possibilidades de novos estudos e novas formulações e análises sobre o fenômeno.

Além disso, para a coleta de dados sobre a percepção dos profissionais da psicologia a respeito dos cuidados paliativos, foi utilizado o Google Forms, uma ferramenta online que permite a criação e distribuição de questionários de forma prática e eficiente, facilitando a organização e análise das respostas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na pesquisa bibliográfica foi possível identificar as origens dos serviços de cuidados paliativos no país, além dos documentos norteadores da prática. No Brasil, a abordagem dos cuidados paliativos é recente, tendo início na década de 1980. O primeiro serviço de cuidados paliativos no Brasil surgiu no Rio Grande do Sul em 1983, seguidos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 1986, e logo após em Santa Catarina e Paraná. Em 1997 foi criada por um grupo de profissionais interessados no assunto a Associação Brasileira de Cuidados Paliativos (ABCP), impulsionando a divulgação da filosofia e prática no Brasil. Três anos após a criação da ABCP, em 2000, o Hospital do Servidor Estadual de São Paulo implantou um programa para pacientes com câncer metastático, criando mais tarde uma enfermaria específica de cuidados paliativos (MATSUMOTO, 2012).

Em 2005, foi fundada a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), superando os benefícios para a saúde brasileira. O Conselho Nacional de Saúde (CNS), em conformidade com o estabelecido pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, oficializou a homologação da Resolução CNS nº 729, datada de 07 de dezembro de 2023. Essa resolução ratifica a política Nacional de Cuidados Paliativos, uma decisão que reflete a necessidade premente de abordar e melhorar a prestação de serviços de cuidados paliativos no Brasil (CARVALHO; PARSONS, 2012).

Fortalecendo ainda mais o tema e demonstrando sua crescente visibilidade, no dia 22 de maio de 2024 foi publicado pelo Diário Oficial da União a portaria GM n. 3681 que institui a Política Nacional de Cuidados Paliativos, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Esse avanço na Legislação Brasileira trará oportunidades a uma população que antes estava consideravelmente excluída do trabalho paliativo por questões socioeconômicas, além de impor às instituições públicas que forneçam os Cuidados Paliativos e desenvolvam profissionais capacitados.

Para a coleta de dados sobre a percepção dos profissionais da psicologia, a metodologia adotada envolveu a elaboração de um questionário estruturado, contendo perguntas abertas, que foi enviado via e-mail e WhatsApp aos profissionais selecionados. A amostra foi composta por indivíduos de diferentes setores na Psicologia Hospitalar que já trabalharam ou trabalham com Cuidados Paliativos, garantindo uma diversidade de perspectivas.

Tivemos a oportunidade de coletar informações pelo Google Forms com profissionais de diversas localidades, entre elas Londrina, Fortaleza, Apucarana, Curitiba e Minas Gerais. Cada um trazendo sua visão e realidade geográfica perante os cuidados paliativos. Os itens com maior importância entre os entrevistados foram os desafios enfrentados na profissão, a acessibilidade ao tratamento ou a falta dela e as questões éticas que envolvem a vivência profissional no que se refere ao lidar com o paciente.

Os profissionais que responderam o formulário têm compartilhado os mesmos pontos éticos: a importância de sempre respeitar a autonomia do paciente em suas decisões de tratamento, a comunicação adequada entre paciente, família e equipe como ponto essencial para alinhar as expectativas e decisões, tendo como um desafio ético a continuidade ou interrupção de tratamentos como uma constante,

e por fim, o objetivo final do cuidado paliativo, que é priorizar o bem-estar físico, emocional e espiritual do paciente como uma preocupação central.

Alguns pontos divergentes são a falta de acessibilidade nos hospitais, alguns não possuem equipe direta de cuidados paliativos tendo que contratar uma equipe especializada para fazer os cuidados, pois há dificuldade para os hospitais de contratar e aceitar esses tipos de profissionais, e aos que possuem esse tipo de acesso, existem poucos profissionais especialistas contratados, o que faz com que nem todos recebam esse tipo de tratamento.

6. CONCLUSÃO

A integração entre cuidados paliativos e psicologia é essencial para garantir um atendimento humanizado a pacientes em estado terminal. O suporte psicológico melhora a qualidade de vida ao oferecer não só alívio físico, mas também apoio emocional, social e espiritual. A presença de psicólogos em equipes multidisciplinares humaniza o cuidado, facilita a comunicação e cria um ambiente mais acolhedor e empático.

Conclui-se que a integração dos cuidados paliativos com a psicologia é vital para garantir um atendimento que não só prolonga a vida, mas que também valorize a qualidade de vida até o fim, respeitando a dignidade e os desejos do paciente.

7. REFERÊNCIAS

ASSINVÉXIS. "**Cicely Saunders: Biografia e Legado (1918-2005)**". ASSINVÉXIS. <https://assinvexis.org/artigos/cicely-saunders/>. Acessado em 07 de abril de 2024.

CARVALHO, R. T., & PARSONS, H. A. (Org.). (2012). **Manual de cuidados paliativos ANCP** (2a ed. amp. atual.). São Paulo.

CRISTINA SILVA REZENDE, L.; SANSONI GOMES, C.; EUGÊNIA DA COSTA MACHADO, M. A finitude da vida e o papel do psicólogo: perspectivas em cuidados paliativos. **Revista Psicologia e Saúde**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2014. DOI: 10.20435/pssa.v6i1.321. Disponível em: <https://pssa.ucdb.br/pssa/article/view/321>. Acesso em: 7 abr. 2024.

LIMA, S. F. et al.. Dinâmica da oferta de cuidados paliativos pediátricos: estudo de casos múltiplos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 9, p. e00164319, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/QVTbrNhKN4vdB9MzQMvjLbL/#>. Acesso em 05 mai. 2024.

MATSUMOTO, D. Y. Cuidados paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. In: CARVALHO, R. T. de; PARSONS, H. A. (orgs.). **Manual de cuidados paliativos ANCP**. 2ª ed. Ampliado e atualizado. Porto Alegre: Sulina, p. 23-30, 2012.

MERLO, A. R. C., & Porto, J. F. (2011). A desumanização do paciente no hospital: uma análise crítica. **Revista Brasileira de Enfermagem**. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672011000300027>

MONTEIRO, D. T.; MENDES, J. M. R.; BECK, C. L. C.. Perspectivas dos Profissionais da Saúde sobre o Cuidado a Pacientes em Processo de Finitude. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e191910, 2020.

POZZADA, J. P.; SANTOS, M. A. DOS .; SANTOS, D. B.. Sentidos produzidos por psicólogos que trabalham com cuidados paliativos no Sistema Único de Saúde (SUS) sobre o cuidar em cenários de morte e morrer. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, p. e210581, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/jfwdt4VF95FSCbBjyHwBrGg/#>. Acesso em: 24 mar. 2024.

PRADE, C. F., CASELLATO, G., & Silva, A. L. M. (2008). Cuidados Paliativos e comportamento perante a morte. In: E. Knobel (ed.). **Psicologia e humanização: Assistência aos pacientes grave** (pp. 149-158). São Paulo: Atheneu.

REZENDE, L., C. S., GOMES, C. S., MACHADO, M. E. C., Finitude da vida e o papel do psicólogo **Revista Psicologia e Saúde**, v. 6, n. 1, jan. /jun. 2014, p. 28-36. disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v6n1/v6n1a05.pdf>